

CAPITULO 2

HISTÓRIA MLITAR OU DA DOCTRINA MILITAR

História Militar - História da Doutrina - História da Ciência e Arte da Guerra

Um conceito: História Militar é a parte da História da Humanidade que nos permite reconstituir a História da Doutrina Militar. É a Ciência e a Arte da Guerra utilizadas pelos exércitos, com o fim de, respectivamente, se prepararem para as guerras ou quando nelas forem empregados.

Doutrina Militar são os princípios pelos quais os exércitos têm se preparado (organizado, equipado, instruído e desenvolvido as forças morais) para a eventualidade de conflitos e se empregado em guerras. Referido conceito constitui uma versão prática do conceito de Doutrina Militar constante do C 20-320 - **Glossário de Termos Expressões para uso no Exército**, instrumento de trabalho também indispensável para a pesquisa da História do Exército: “Doutrina Militar - Conjunto de conceitos, princípios, normas, métodos, processos e valores, que tem por finalidade estabelecer as bases para a organização, o preparo e o emprego das Forças Armadas”.

O preparo de uma força para a guerra relaciona-se com o conceito de Ciência da Guerra. O emprego da força na guerra relaciona-se com a Arte da Guerra. A Ciência tem registrado sensível desenvolvimento que se acentua em proporção geométrica, função do progresso tecnológico. A Arte da Guerra possui fundamentos constantes: fatores da decisão, mandamentos e princípios de guerra, elementos de manobra, etc. Referidos fundamentos permitem infinitas combinações. E, em conseqüência, infinitas soluções táticas, estratégicas e logísticas. Por esta razão, a pesquisa e o estudo da evolução da Arte da Guerra Mundial e a de um país considerado, assumem especial relevância. Isto, por ser a Arte da Guerra um dos mais valiosos instrumentos da construção do futuro de um Exército. Seja como instrumento de formação profissional, seja finalmente, como instrumento para o desenvolvimento de sua doutrina.

História da ciência e da Arte da Guerra do Exército Brasileiro

Dentro do conceito anterior podemos afirmar: existe a Arte da Guerra do Exército Brasileiro. Incluindo, neste trabalho, como Exército Brasileiro todas as forças terrestres que o antecederam, do Descobrimento à Independência.

E entendo como a Arte da Guerra do Exército, o conjunto de soluções táticas, estratégicas e logísticas, relacionadas com emprego de forças terrestres brasileiras, em quase cinco séculos, do descobrimento até nossos dias. Emprego responsável, em grande parte, pelas dimensões continentais do Brasil. Dimensões que não são obra do milagre, mas sim, do correto e judicioso emprego tático e estratégico no território brasileiro da Expressão Militar Terrestre do Poder. Seja no Brasil colonial, ou independente.

A pesquisa da Arte da Guerra do Exército Brasileiro torna-se então o produto nobre da História Militar. Nobre, por ser capaz de auxiliar a construir o Exército Brasileiro do futuro, à altura do destino de grandeza do Brasil. Nobre, igualmente, por poder imprimir à Doutrina do Exército uma característica marcadamente brasileira. Ou, com um índice expressivo de nacionalização e menos dependente de importação de doutrinas de outros exércitos. Isto, particularmente, no que uma Doutrina Militar encerra de Arte da Guerra.

Existe, igualmente, uma Ciência da Guerra do Exército Brasileiro. São as soluções brasileiras e importadas que têm, desde o descobrimento orientado o preparo das forças terrestres para a guerra.

Preparo nos campos da organização, do equipamento, da instrução e desenvolvimento das forças morais. A Ciência da Guerra do Exército é relevante para a construção do Exército do futuro. Isto na parte referente às soluções brasileiras nela contidas. Soluções que responderam e ainda respondem às realidades brasileiras diversas. Soluções particularmente nos campos doutrinários da organização, instrução e desenvolvimento das forças morais. No campo da história do equipamento, pouco a História da Ciência da Guerra poderá alicerçar aquele futuro.

Nesta matéria, é relevante acompanhar-se o progresso dos exércitos das grandes potências. E, em conseqüência, procurar-se atualização, na medida das possibilidades do Poder Nacional. Igualmente, deve-se olhar para o presente dos exércitos das grandes potências em seus progressos de organização e instrução, sem desprezar o que de útil e válido foi consagrado pela Ciência da Guerra do Exército Brasileiro, fruto do pensamento militar brasileiro e, em função de nossas realidades.

O que a pesquisa da História do Exército mostrar útil para a doutrina será seu patrimônio cultural. E, o que for considerado ultrapassado, ou obsoleto para este fim, particularmente quanto a equipamentos instalações, etc, constituirá, em princípio, seu patrimônio histórico patrimônio a ser preservado e divulgado como homenagem aos militares do passado. Isto para lembrar, eternamente, suas contribuições para a construção do Brasil. E mais, como valioso instru-

mento para o desenvolvimento das forças morais, através do culto e evocação de nossos heróis, feitos e tradições militares. A tradição é a alma de um Exército. Um Exército sem tradição é espada sem têmpera. É flor sem perfume!

Existe história das forças terrestres, navais e aéreas e, talvez, já no nascedouro, história das forças espaciais. Designação de história das forças terrestres confunde-se com a designação de História Militar que por nós será utilizada com aquele sentido, neste ensaio.

Estudo da História Militar: As forças armadas de todos os países estudam a História Militar sob os enfoques de História da Doutrina Militar e História da Ciência e da Arte da Guerra. Ao assim procederem visam delas extrair ensinamentos para a formação de seus integrantes e subsídios para o desenvolvimento de suas doutrinas.

Segundo Foch, um grande artista da Guerra da França na 1ª Guerra Mundial:

“Para sustentar em tempo de paz o cérebro de um exército e prepará-lo para a guerra, não há livro mais fecundo em meditações e lições do que o da História Militar” (1).

Reconhecendo esta importância do estudo crítico da História Militar; como História da Doutrina e da Ciência e da Arte da Guerra, todas as escolas militares do mundo a estudam. E cada país confere especial relevo ao estudo e exploração de sua História Militar, particularmente no que ela encerra de Arte da Guerra. No Brasil, este estudo foi introduzido na Academia Militar Real, criada pelo Príncipe D. João, em 1810, e raiz da atual Academia Militar das Agulhas por decreto do Presidente Getúlio Vargas.

Utilidade e importância - Sobre a importância do estudo da História Militar, no seu conceito de História da Doutrina Militar ou de História da Ciência e da Arte da Guerra deixemos falar destacados chefes, pensadores e historiadores militares.

Frederico, o Grande - “Eu estudo toda a espécie de história Militar, desde César até Carlos XII. E a estudo com todas as minhas forças...”

Napoleão - “O conhecimento superior da Arte da Guerra só se adquire pela experiência e pelo estudo da história das guerras e das batalhas dos grandes capitães. Façam a guerra como Alexandre, Aníbal, César, Gustavo Adolfo, Turenne, Eugênio e Frederico - o Grande. Leiam, e releiam a história de suas campanhas e guiem-se por elas. Eis o único meio de fazer um grande general e aprender os segredos da Arte da Guerra”.

Patton: “A leitura objetiva da História Militar é condição de êxito para o militar. Deve este ler biografias e autobiografias de chefes militares. Quem assim proceder concluirá que a guerra é simples”.

Moltke, o Velho: "A História Militar por dominar inteiramente a conduta pratica da guerra é uma fonte inesgotável de ensinamentos".

Conclui-se daí a ênfase que as autoridades acima deram ao estudo do emprego da força ou a Arte de Guerra. Isto por fundamentar-se em elementos constantes em todas as guerras, a despeito da evolução da Ciência da Guerra.

Considerações diversas sobre História Militar ou da Doutrina

1 - Toda a instrução e ensino militares são a síntese dos ensinamentos resultantes da pesquisa e estudo crítico da história Militar, levados a efeito por chefes, planejadores, pensadores e historiadores Militares, na História Militar da Humanidade ou, na de um país considerado. O conteúdo da instrução militar é fruto da experiência da guerra colhida, em particular, no Campo da Batalha. Portanto, em última análise, na História Militar. O laboratório mais completo de Doutrina Militar é o Campo de Batalha.

2 - História Militar é a História da Ciência e da Arte da Guerra. Ela é pesquisada, analisada e interpretada pelos chefes, planejadores, pensadores e historiadores de um exército, visando a colher subsídios doutrinários. Isto para desenvolverem a doutrina militar de um exército considerado.

3 - A História Militar permite ao chefe, ao planejador, ao pensador e ao historiador militar acompanhar a evolução da Doutrina militar, nos campos do equipamento, organização, processos de instrução e processos de combate. E mais, de novos processos que a psicologia e a sociologia da guerra oferecem para a preservação e fortalecimento das forças morais do combatente.

4 - A História Militar permitiu detectar as características mais importantes dos grandes generais da História Militar da Humanidade e da própria História Militar de um país considerado. As características ideais do chefe e do líder militar resultaram da pesquisa, análise e interpretações das vidas dos grandes generais da História Militar.

5 - Foi a pesquisa, análise, interpretação e síntese da História Militar da Humanidade que permitiu, após Napoleão, a determinação do caráter de permanência da Manobra e dos demais Princípios de Guerra. Hoje, consagrados em todos os exércitos do mundo. Diferem na denominação, mas conservam sua essência filosófica.

6 - A História Militar permite ao chefe, ao planejador, ao pensador e ao historiador militar do presente, compreender a evolução da Doutrina Militar até seus dias. E, mais, estima, de certa forma, qual será sua evolução provável no futuro próximo. O estudo do passado militar possibilita entender-se o presente militar e estimar sua evolução provável no futuro. Em conseqüência, atualização com o próximo conflito e não com o ultimo superado pelo pensamento militar criador.

7 - História Militar estudada como um amontoado de fatos históricos em ordem cronológica é cultura inútil. Não capacitará ninguém a ser um grande

General. É impositivo que seja pesquisada e estudada com espírito crítico. Apelo e raciocínio indutivo. Capacidade de decompor os fatos e selecionar os que têm valor como ensinamentos. Estes são a essência para o profissional militar.

8 - História Militar, como história de guerras é a principal fonte para o Desenvolvimento da Doutrina Militar do presente. Às guerras acarretam profundas transformações econômicas, políticas e sociais E o historiador militar científico não pode deixar de considerá-las. Mas isto não ocorre com o historiador militar pragmático. Seu objetivo é colher ensinamentos militares utilizáveis para o desenvolvimento da doutrina das instituições militares de sua nação.

9 - A História Militar dos inimigos ou aliados potenciais, pesquisada e estudada com espírito crítico, oferece ao chefe, ao planejador, ao pensador e ao historiador militar, valiosos subsídios. Isto, sob forma de possibilidades e intenções, etc. Assume especial relevo o estudo do caráter de seus líderes, dos grupos dominantes e do caráter nacional dos mesmos.

10 - A História Militar estudada nas escolas militares não é suficiente para a formação histórica de um profissional militar. Serve apenas como um alerta da relevância do assunto. É impositivo que o aluno prossiga em seus estudos, por conta própria. Os que têm persistido no estudo colheram reais benefícios. Ou, pelo menos, no caso do Exército Brasileiro, a ter mais fácil ingresso na ECEME de cujo exame de admissão consta o de História, com regular dose de História Militar do Brasil.

11 - A História Militar, segundo o a general Tasso Fragoso: “É a mestra da vida militar. Seu estudo, fonte perene de patriotismo, não deve ser desconhecida dos militares. O estudo dos episódios das gerações militares brasileiras que nos antecederam é salutar à juventude militar brasileira. Esta pois, lhe fortalece o espírito, retempera o caráter e proporciona sólidos elementos para julgar questões imprevistas. Questões por vezes incandescentes, em que as paixões dominantes, sem às luzes da verdadeira História, acarretariam os maiores desastinos” (2).

O general Tasso Fragoso falava a propósito do ensino do Exército na sua mocidade. Ensino que descuidou da História em geral na Escola Militar de Praia Vermelha, fechada e posteriormente extinta, por envolvimento de cadetes na política e em revoltas absurdas, manipulados por agentes externos. Revoltas “que acarretariam os maiores desastinos, se às luzes da verdadeira História”. E o Exército pagou alto preço por estes desastinos, mas colheu um importante ensinamento. O próprio general Leitão de Carvalho, mais tarde destacado chefe do Exército e ilustre historiador militar, assim recordou seu tempo de cadete:

“A ausência do espírito militar nos cursos das escolas do Realengo e da Praia Vermelha tinha feito de mim um intelectual diletante, que não sabia bem para onde se virar: se para as ciências exatas, a literatura ou, simplesmente,

para os assuntos recreativos do espírito” (3).

Sobre a importância da História Militar, convém registrar-se: após a Guerra dos Seis Dias entre Israel e Egito, Moshe Dayan reuniu sua oficialidade. Aproveitou a ocasião para enaltecer a contribuição preponderante para a vitória, dos historiadores do Exército de Israel. Referida contribuição resultou do estudo, por eles procedido, das vias de acesso utilizadas nos últimos 5000 anos pelos Exércitos em luta na região. A conclusão, aconselhou, com base histórica, as vias de acesso que foram utilizadas. Estas constituíram fatores de surpresa militar de Israel sobre o Egito (4).

Historiador Militar: É o civil ou militar que pesquisa, analisa, interpreta, retira ensinamentos e escreve sobre fatos histórico-militares. No Exército dos EUA existem duas categorias de historiadores militares: Historiadores do Exército e Historiadores de Estado-Maior. (5)

Historiador do Exército: É um historiador militar qualificado com método específicos, civil e militar, que ocupa posição no QO de historiadores do Exército.

Historiador do Estado-Maior: É um historiador do Exército ou oficial de História do Exército, responsável pelo desempenho de atividades histórico-militares, inclusive, assessoria específica no Estado-Maior de um comandante.

Historiadores de Estado-Maior no Exército Brasileiro - casos históricos.

O primeiro foi o capitão Diogo Arouche de Moraes Lara, na primeira guerra contra Artigas em 1816. Ou, a primeira guerra do Brasil como nação, condição de reino Unido a Portugal e Algarve.

Produziu o trabalho **Memória sobre a Campanha de 1816**. Brasileiro de São Paulo, sua obra foi de real valia para condução da segunda campanha contra Artigas. Campanha em que nosso historiador de Estado-Maior perdeu a vida, já como tenente-coronel, num combate no povoado de São Nicolau, no comando do Regimento de Cavalaria dos Guaranis das Missões, ao cair numa emboscada preparada pelos artiguenhos no interior do referido povoado. Era filho do Mal. Arouche Redon e Taques, o fundador e 1º diretor da atual faculdade de Direito do Largo do São Francisco em São Paulo, celeiro de presidentes da República Velha.

O trabalho de Diogo é modelar para a época. Possui aspectos de grande atualidade e a falta de obra idêntica na segunda campanha quase a mergulhou nas profundezas nebulosas da Memória Militar do Brasil. No espírito de seu trabalho percebe-se a influência de Camões (6).

Atuou à semelhança de um historiador de Estado-Maior, o mais tarde Visconde de Taunay, integrando o Estado-Maior do Conde D'eu na Campanha da Cordilheira, ao final da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai.

Esta circunstância está caracterizada nas seguintes obras de sua autoria:

- **Diário do Exército.** Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1958;
- **Memória do Visconde de Taunay.** São Paulo: Melhoramentos, 1946 (código 2620).

Taunay conta em suas **memórias** haver o Marques de Caxias lamentado não ter encontrado ou providenciado, como o Conde D'eu, alguém que durante seu comando desempenhasse o encargo de historiador de seu Estado-Maior.

A nossa FEB na Itália, teve como historiador de Estado-Maior o então Major de Eng Antônio de Souza Júnior. Historiador militar que depois enriqueceria a História do Exército Brasileiro, com relevantes trabalhos histórico-militar de caráter didático. Foi instrutor de História Militar na ECEME. Finalmente foi o diretor no Rio de Janeiro, do projeto da História do Exército Brasileiro, em 1972. Entre os trabalhos de nosso historiador de Estado-Maior citado ficaram muito conhecidos:

- **Caminhos histórico de invasão.** Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1949;
- **Do Recôncavo aos Guararapes.** Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1950.

Historiador do Exército Brasileiro: O nosso Exército não, tem quadro específico - A lacuna tem sido sanada por seus integrantes da reserva e da ativa que revelam vocação e, sobretudo, amor a este tipo de atividade.

Muitos mesmo carentes de metodologia específica tem emprestado seu concurso nesta relevante tarefa. Para constatar isto, basta consultar-se a bibliografia e hemerografia que apresentamos em local próprio.

Veremos, com admiração, que chefes dos mais altos escalões do Exército emprestaram seu valioso concurso ao desenvolvimento da História do Exército Brasileiro.

A própria metodologia da História do Exército Brasileiro, em bases científicas, foi sendo desenvolvida ao custo de esforço próprio por muitos dos integrantes do Exército.

Entre muitos registrem-se: O general Tasso Fragoso "O Pai da História do Exército". O marechal Castelo Branco, inexecdível na síntese histórico-militar brasileira, a serviço da Doutrina do Exército. O general Paula Cidade, por sua visão da literatura histórico-militar brasileira, fundamental para a posterior formulação da teoria da História do Exército Brasileiro. O coronel Rego Monteiro, por infra-estruturar, com abundantes, autênticos e fidedignos documentos, os estudos histórico-militares de nossas Lutas no Sul.

E finalmente, o coronel Francisco Ruas Santos, por sua preocupação com o domínio de fontes, com a produção de instrumentos de trabalho e a formulação da Teoria de Historia do Exército Brasileiro e tratamento científico do assunto, aspecto que abordaremos em local próprio.

Quadro de historiadores do Exército: Embora inexistindo um quadro de historiadores no Exército, os que têm aproximado deste conceito vinham ou vêm se desenvolvendo na especialidade do seguinte modo:

Oficialmente, através do exercício de funções afins, no EME, na 5ª Seção – História e Geografia Militar, e após Comissão de História do Exército Brasileiro. E mais, na cadeira de História e Geografia, da AMAN, desde 1953, privativa de oficiais com o curso de Estado-Maior. Cadeira que teve como primeiro instrutor QEMA, o sempre lembrado por seus alunos, o então Major Otávio Tosta, pelo entusiasmo contagiante com que transmitia o assunto. Afora estas oportunidades oficiais, passaram estes historiadores militares, a tratar da História do Exército como “hobby”. Ou, auxiliar os colegas candidatos à ECEME, com aulas ou elaboração de apostilas específicas. Isto, particularmente, em cursos no Clube Militar. Hoje a cadeira, na AMAN, não é mais privativa de oficial do QEMA.

Penso que esta solução não satisfará de futuro às necessidades do Exército. Pois, o muito que está feito é insignificante se comparado com o muito a fazer. Isto, para que a História do Exército, como História da Doutrina do Exército e História da Arte e da Ciência da Guerra do Exército, venha se transformar em instrumento efetivo de construção do Exército do futuro. O depois general Álvaro Cardoso foi o introdutor do estudo crítico de História Militar na AMAN.

Historiador do Exército Brasileiro, Civil ou Militar

Este é um ponto que tem sido muito discutido. A verdade é que até o presente foram os militares da ativa e da reserva do Exército que cuidaram do desenvolvimento da História do Exército Brasileiro. Mesmo, a despeito de carecerem de metodologia, conforme poderá ser constatado no desenvolvimento do trabalho. Refiro-me à História Militar em seu duplo aspecto profissional militar de história da Doutrina e da Arte e Ciência da Guerra. E não nos demais, aos quais os historiadores civis tem emprestado relevante contribuição (reconstituições, preservação e produção de fontes, etc).

José Honório Rodrigues, autoridade brasileira em pesquisa e teoria da História do Brasil, assim viu o problema do historiador do Exército Brasileiro. Concluiu, após analisar os trabalhos produzidos por militares, até a época de sua análise da Historiografia Militar Brasileira:

“De regra, o militar tem a experiência necessária para o estudo técnico dos fatos militares, **mas falha pela falta de métodos de pesquisa, por não saber valorizar as fontes e pelo desprezo da crítica.**

O historiador civil dispõe desses elementos essenciais, **mas não possui especialização própria do oficial**, também indispensável para a compreensão do fenômeno”. (O grifo é do autor).

Donde se conclui que o civil para ser historiador militar necessitaria de vivência profissional militar. E esta, segundo Camões, no verso a seguir de **Os Lusíadas**, se é difícil para o próprio militar, sê-lo-á sobremodo para o civil. Escreveu o poeta e soldado:

"A disciplina militar prestante não se aprende, senhores na fantasia...senão vendo, tratando e pelejando".

Para o militar ser historiador do Exército, segundo conclui José Honório Rodrigues, deveria ser-lhe ministrado metodologia específica.

Esta solução seria a linha de resistência menor do que conferir ao historiador militar civil, vivência profissional. Mas volta e meia alguém sem vivência no assunto mas com poder, insiste nesta linha inviável.

Em 1972, o Estado-Maior do Exército, em convênio com o Projeto Rondon, promoveu um curso de Pesquisadores de História das Forças Terrestres Brasileiras que foi ministrado pela sua Comissão de História. Numa primeira fase, ele visou preparar monitores para dirigirem a Operação Arquivos, que destinava-se a uma pregação nacional em prol da preservação dos documentos existentes nos arquivos brasileiros. Numa segunda fase experimentou habilitá-los para a execução de pesquisas históricas de interesse do Exército. Frequentaram o curso diversos biblioteconomistas e professores de História. **O rendimento da segunda fase foi baixo por carência total de vivência militar. O entendimento dos problemas mais simples da Teoria da História das Forças Terrestres Brasileiras** editado pelo EME, provocaram grandes dúvidas. Por exemplo, o que significavam os termos cantil, bernal, mochila, coturnos, baioneta e assim por diante. Os militares conhecedores de História, que frequentaram o curso, tiveram maior rendimento. Particularmente, os que conseguiram absorver fundamentos de biblioteconomia essenciais para a condução de pesquisas em qualquer ramo de conhecimento.

À luz dessa experiência, parece-nos, de futuro, que a solução ideal seria:

O historiador civil com metodologia científica (por sinal muito semelhante à da produção de informações) na qual muitos oficiais que cursaram a EsNI, se adestraram, ao ser encarregado de reconstruir o fato histórico.

Caberia ao historiador militar do Exército a transformação desse material, segundo metodologia e à luz dos conceitos de Arte e Ciência militar, em ensinamentos didáticos e subsídios para o desenvolvimento da Doutrina do Exército. Estes elementos seriam a matéria prima a ser utilizada pelos chefes, pensadores, planejadores, instrutores e professores do Exército.

Por enquanto existe um problema: os Historiadores civis são poucos. Falta-lhes mercado de trabalho. E os poucos existentes, raros são os que contribuem objetivamente com subsídios de História do Exército. É fácil verificar o que afirmamos, ao analisar-se a crítica conjuntura da historiografia brasileira, obrigada, inclusive, a socorrer-se de professores estrangeiros. E, mais, vem sendo escrita, em grande parte, nas universidades do EUA, por falta de apoio editorial no Brasil.

Enquanto não se modificar este quadro adverso, uma solução a considerar: manutenção pelo Exército de um quadro mínimo de historiadores militares, com vocação para o assunto. Historiadores capacitados, com metodologia científica, ao exercício periódico das funções de historiadores do Exército, ao

longo de sua carreira militar. Funções do EME, Centro de Documentação do Exército, Colégios Militares, CPOR, EsPCEX, AMAN, EsAO e ECEME e, se possível, nos Grandes Comandos e Comandos Militares de Área. E não desprezar os conhecimentos e experiência dos militares na Reserva ou Reformados da AHIMTB e IGHMB.

O historiador Militar do Exército não seria uma qualificação e sim especialização. Pelo mínimo um oficial por turma egressa da AMAN.

Assim, acreditamos, não sofreriam solução de continuidade as atividades do Exército no campo da História, com metodologia científica, pois estaria infra-estruturada por pessoas capacitadas a atingir os seguintes objetivos:

- (1) contribuir para o aperfeiçoamento dos quadros e tropa do Exército;
- (2) contribuir para o desenvolvimento da doutrina das forças terrestres brasileiras; e
- (3) preservar e divulgar o Patrimônio Histórico-Cultural do Exército.

E para conquistar-se tão relevantes objetivos são necessários cérebros para infra-estruturar as atividades de História no Exército. Acreditamos que a improvisação e o empirismo demorarão a conquistá-los.

Sem historiadores não há História Militar

É comum a afirmação: “Sem documentos não há História”. E poderíamos acrescentar: sem historiadores para explorar os documentos, não haverá História.

De nada adiantará política de ensino de História Militar e apresentação de documentos sem que se disponha, em quantidade e qualidade, de historiadores habilitados a explorá-los, com metodologia e fins específicos. Sem historiadores militares capazes de reconstituir e interpretar fatos históricos. E mais, sem prepará-los previamente para aproveitamento por chefes, pensadores e planejadores militares, encontrarão estes enormes dificuldades, em concluir e aproveitar subsídios da História Militar. Terão, então, de substituir o historiador militar em suas tarefas. Ou seja, reunião, crítica e análise de fontes e, finalmente, reconstituição e interpretação do fato. O resultado, além de improvisado, empírico e distorcido, roubará precioso tempo de suas tarefas específicas. E isto não seria o desejável.

Julgamos que nenhuma organização que deseje evoluir e colher subsídios de sua experiência, para alicerçar o seu futuro, poderá prescindir de seus historiadores.

Portanto, penso, que em matéria de exploração de ensinamentos de História Militar, o historiador militar é o agente principal do processo e se não for formado, pelo menos um historiador do Exército por cada turma egressa da AMAN, acreditamos que será extremamente difícil ao Exército colocar a História de sua Doutrina ou de sua Ciência da Arte da Guerra, a serviço, da construção de seu futuro.

Este problema parece mais grave hoje do, que ao tempo do, general Tasso Fragoso e outros chefes. Eles, para recuperar o tempo perdido, tiveram que acumular as atribuições de chefes, pensadores, planejadores e historiadores do Exército.

Hoje, os que se dedicam a estas tarefas são em número insuficiente, conforme se poderá constatar ao longo do trabalho.

Bibliografia sobre Arte e Ciência da Guerra

Para o leitor interessado se aproximar dos problemas, relacionados com a evolução e atualidade da Arte da Guerra, indicamos os seguintes trabalhos publicados no Brasil em datas recentes:

- (1) De pensadores estrangeiros;
 - FULLER, John F. C. A conduta da Guerra. Rio: BIBLIEX, 1976 (Trad. Herman Bergqvist).
 - SCHNEIDER, Fernand. História das Doutrinas Militares. São Paulo: DIFEL - 1975.
- (2) De pensadores brasileiros:
 - ALVARES, Obino Lacerda. Estudos de Estratégia. Rio: BIBLIEX, 1973.

Este trabalho apontará outras fontes pertinentes. Como trabalho relativo à evolução da Ciência da Guerra, citem-se os seguintes do Cel V. Portella Ferreira Alves:

- **Seis Séculos de Artilharia** - Rio: Bibliex, 1959.
- **Os Blindados através dos Séculos** - Rio: BIBLIEX, 1964.

No desenvolvimento do trabalho, sempre que oportuno, indicaremos outras fontes.

Reproduzimos ao final do capítulo, importante depoimento do Marechal Odylio Denys sobre a importância da História Militar e da existência de historiadores militares do Exército (7).

Notas ao Capítulo 2

1. FERDINAND FOCH, marechal de França. Comandou durante a Primeira Guerra o 20º Corpo do II Exército e Grupo de Exércitos do Norte. Conduziu, como generalíssimo, as tropas aliadas à vitória na 1ª Guerra Mundial. Viveu de 1851-1929.

2. TASSO FRAGOSO, A Batalha do Passo do Rosário. Rio 1922.

- Tasso Fragoso, no prefácio dessa obra, faz importante depoimento sobre as graves conseqüências da influência positivista na Escola Militar da Praia Vermelha, onde o ensino, profissional foi descurado e nossa História Militar reinterpretada sob o enfoque filosófico positivista. Seu prefácio contém um permanente e atual ensinamento.

3. CARVALHO, Leitão de, **Memórias de um Soldado Legalista:**

- V-1, p. 32-35. Encerra um grande ensinamento sob a forma de erros a serem evitados.

4. Fato relatado pelo general Octávio Aguiar de Medeiros, como Diretor da Escola Nacional de Informações, ex-adido militar em Israel.

5. BENTO, Cláudio et CHAVES, José Spangenberg. A História Militar no Desenvolvimento da Doutrina do Exército dos EUA. **Cultura Militar** - EME nº 221 - 1972 (Tradução e comentário da AR 870-5 "Military History" - 1965, que regula no Exército dos EUA o problema de História Militar).

6. A memória citada foi publicada na **R I H G B**, ano 1839. Escolhemos o capitão Diogo como nosso patrono no IHGSP. Em discurso de posse, Nov 1977, evocamos sua vida e obra. Provamos ser ele filho do Ten Gen Arouche de Toledo Rondon. Estudamos pai e filho na obra **Estrangeiros e descendentes**, p. 181-182, antes de provarmos a relação familiar entre ambos.

7. Trecho de carta do Marechal Odylio Denys ao autor, em 21 Fev 1978:

"Por falta de historiadores; muitos são os grandes acontecimentos de todos os países que ficaram ignorados pela posteridade. Não fora o **Memorial de Santa Helena** de Las Cases, Napoleão seria lembrado de modo incompleto.... As tradições orais se esbatem com o tempo e até desaparecem. Taunay na obra **Retirada da Laguna** é um exemplo. Se lá não estivesse estado, ou nada tivesse escrito, ficaria desconhecida a abnegação e coragem daqueles brasileiros, em luta contra um inimigo mais forte, num terreno ingrato e sem recursos. Caxias realçou o valor de Taunay ao encontrá-lo ao final da guerra, na rua Ouvidor, esquina com 1ª de Março, ao dizer lhe - Que falta o Sr me fez na guerra ! Se o tivesse a meu lado quanta coisa teria ocasião de escrever ! E Taunay, que acompanhou o Conde d'EU, deixou um relato da Campanha das Cordilheiras, com um realce que não tiveram as grandes e decisivas operações da planície dos anos anteriores". Mais tarde Taunay foi o orador oficial na cerimônia de sepultamento do Duque de Caxias, interpretando o sentimento do Exército, sintetizando Caxias – "A Simplicidade na Grandeza".